

Grupos de Pesquisa: uma Oportunidade de Integrar Graduação e Pós-Graduação

Autoria: Cléria Donizete da Silva Lourenço, Marcela Caroline de Barros Gama, Mauro Pereira da Silva Júnior, Ana Carolina Souza Lago, Ágatha Cruz de Paula

Resumo

Embora, historicamente, a graduação tenha como componente dominante o ensino e a pós-graduação a pesquisa, nada obriga o ensino a se isolar na graduação ou a pesquisa ser propriedade privada da pós-graduação. Inclusive, a relação entre estas é uma forma institucional de alcançar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Entende-se que, os grupos de pesquisa podem prestar uma grande contribuição à formação dos discentes devido ao potencial de integrar graduação e pós-graduação. Tendo isso em vista, este estudo pretende compreender como os grupos de pesquisa têm feito essa integração. Para tanto, foram selecionados sete grupos da área da administração.

1 Introdução

Quando se fala em universidade, há três pressupostos gerais que são aceitos sem contestação (MULS, 2003; ENRICONE; GRILLO, 2006). O primeiro refere-se à graduação entendendo que esta não deve restringir-se à perspectiva de uma profissionalização estrita, especializada. Sob essa ótica, a graduação há de propiciar a aquisição de competências de longo prazo, o domínio de métodos analíticos, de múltiplos códigos de linguagens. Deve, portanto, propiciar uma qualificação intelectual de natureza suficientemente ampla e abstrata para construir, por sua vez, base sólida para a aquisição contínua e eficiente de conhecimentos específicos (ENRICONE; GRILLO, 2006).

O segundo pressuposto geral está relacionado à pós-graduação. Esta constitui um mecanismo propulsor da institucionalização e consolidação da pesquisa científica nas universidades. Ela cumpre, portanto, uma importante missão social no sentido de formar recursos humanos de alto nível, contribuindo para a solução de problemas econômicos, sociais e tecnológicos do país (GOMES; VILELA, 2003).

O terceiro pressuposto, por sua vez, refere-se à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Esse pressuposto se coloca muito mais como um princípio pedagógico de trabalho, na medida em que possibilita e dá o tom ao esforço de construção do “habitus” de pesquisa e de formação continuada numa universidade. “De fato, sem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão não se consegue fazer do ensino mais do que a simples reprodução do conhecimento já existente” (MULS, 2003, p. 7).

Cury (2004) também concebe a pesquisa, o ensino e a extensão como indissociáveis na universidade e, por isso mesmo, as três funções seriam institucionais no seu todo e, como funções permanentes, devem estar presentes no conjunto universitário. O autor explica que historicamente a graduação teve e tem como componente dominante o ensino e a pós-graduação, a pesquisa. No entanto, o artigo 207 da Constituição Federal de 1988, ao tratar da definição de universidade, não pede que o ensino se isole na graduação ou que a pesquisa seja propriedade privada da pós-graduação. Inclusive, para Gomes e Vilela (2003), a ideia de se aliar o ensino à pesquisa é o que sustenta a pós-graduação.

Sendo assim, tem havido uma defesa da integração entre esses dois níveis do ensino superior de forma que eles caminhem juntos e articulados com o fim de permitir a mútua criatividade. A partir desse ponto de vista, pode conceber a “relação entre a graduação e a pós-graduação como uma forma institucional de preencher a indissolubilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (CURY, 2004, p. 777).

Conforme justificam Enricone e Grillo (2006), face aos objetivos da Política Nacional de Pós-Graduação, é necessário analisar se efetivamente está ocorrendo a integração entre graduação e pós-graduação e as possíveis modalidades de concretização dessa integração.

Diante do exposto, entende-se que os grupos de pesquisa podem prestar uma grande contribuição à formação dos discentes. Tendo isso em vista, este estudo tem por objetivo compreender como os grupos de pesquisa têm feito a integração entre a graduação e a pós-graduação. Para tanto, foram selecionados como objetos de estudo sete grupos de pesquisa do departamento de administração de uma universidade pública federal de Minas Gerais.

Para discutir a temática organizou-se este artigo da forma descrita a seguir. A primeira seção é composta por esta introdução na qual é feita uma contextualização sobre ensino, pesquisa e extensão como fundamento da universidade. Na segunda seção, procurou-se compreender como a integração entre a graduação e a pós-graduação é tratada na literatura. Na terceira seção continua-se com a revisão de literatura ao tratar do papel dos grupos de pesquisa. Na quarta seção, são delineados os procedimentos metodológicos. Na quinta, são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa. Por fim, na sexta seção, são feitas as considerações finais.

2 Integração entre graduação e pós-graduação

A graduação e a pós-graduação são âmbitos específicos do ensino superior, devendo cumprir finalidades próprias e complementares. A relação entre ambas pode ser vista de vários ângulos. Há aquele da trajetória de cada qual na história da educação brasileira, há o das suas finalidades, o do ordenamento jurídico e o planejamento próprio e interno de cada instituição de ensino superior, entre tantos outros (CURY, 2004).

Cury (2004) entende que a relação entre a graduação e a pós-graduação é uma forma institucional de preencher a indissolubilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Muls (2003), por sua vez, ao abordar o tema da indissociabilidade entende que

a ação docente, além de se fundar no conhecimento teórico e pedagógico do professor, na sua sensibilidade para com os problemas da sociedade onde estão inseridos – professor e aluno – deve estar, antes de tudo, fundada no contato estreito com a realidade de cada área de saber, conseguido, sobretudo através da pesquisa científica (MULS, 2003, p. 7).

No entanto, essa indissociabilidade nem sempre é alcançada. Conforme esclarece Cury (2004), a graduação, tardia na sua origem e constituição em nosso país, já que remonta à chegada de D. João VI ao Brasil, teve sempre como componente dominante o ensino. O ensino, por ser o repositório da memória do conhecimento acumulado pela humanidade, torna-se a base para se ir do conhecimento consolidado para o ainda não conhecido. Será tarefa da pesquisa trazer à tona as descobertas e os avanços que ela propicia. Do mesmo modo, é função do ensino, como diria Gramsci, *socializar verdades já conhecidas* e torná-las patrimônio de todos. Neste sentido, a graduação tem e teve o ensino como seu componente predominante.

A graduação, como componente do ensino superior, incorpora, de um lado, essa necessária herança da humanidade a ser transmitida pelo ensino e, por outro lado, vê-se potencializada pela incorporação do novo que a pesquisa revela. Neste sentido, a graduação tem como conceito regulador o princípio da preservação enriquecida, cujo ensino se volta para uma profissionalização, compromissada e competente, necessária à inserção profissional no mundo atual. Esta vocação constituída pelo caráter formativo-profissionalizante permite uma flexibilidade organizacional mas não tão elevada quanto a da pós-graduação (CURY, 2004).

A pós-graduação, como componente do ensino superior, eleva o ensino nela ministrado pela contínua atualização de conhecimentos propiciada pela pesquisa, garantida pela utilização de uma metodologia científica em ação e pela circulação de múltiplos pontos de vista. Por consequência, a pós-graduação tem como conceito regulador o princípio da inovação por meio da produção de conhecimentos expressa na pesquisa. Na pós-graduação, o componente da investigação é dominante e esta não pode ver-se privada de portais científicos, laboratórios, bibliotecas atualizadas e número mais reduzido de estudantes (CURY, 2004). Estas características têm o potencial de elevar a qualidade do ensino.

Daí advém a necessidade e a uma das justificativas para a integração. Para Enricone e Grillo (2006) a melhoria da qualidade do ensino de graduação depende da formação pós-graduada. No entanto, conforme discute Cury (2004), a consolidação da pós-graduação nem sempre se deu de modo integrado com o conjunto da instituição ou resultou em aperfeiçoamento satisfatório da graduação. A expectativa de que a pós-graduação traria naturalmente avanços qualitativos para a graduação está comprometida.

A relação entre graduação e pós-graduação é positiva tanto para uma quanto para a outra, sendo que a melhoria na graduação conduz a um mais alto desempenho dos formados em sua profissionalização e permite estudantes mais bem preparados para uma atuação dinâmica da pós-graduação conforme entende Cury (2004). Para o autor, a pesquisa e o ensino devem caminhar juntos e articulados com o fim de permitir a mútua criatividade. De suas diferenças, de seu entrelaçamento planejado e dos respectivos produtos, a universidade poderá ganhar maior legitimidade e se beneficiar da socialização desses níveis de ensino, estendendo-os para o conjunto da sociedade.

Dantas (2004) vai ainda mais longe ao defender essa relação. Para o autor, do ponto de vista educacional, o engajamento de alunos da pós-graduação em linhas de pesquisa com possíveis consequências para o desenvolvimento nacional, orientados por professores comprometidos com a sociedade, pode estimular novas ideias e facilitar o surgimento de novas lideranças, acadêmicas e políticas. Nesse sentido, Dantas (1995) acredita que a criação de redes tutoriais de pós-graduandos com alunos de graduação que participam de PIBIC (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica) ou PET (Programa de Educação Tutorial) pode potencializar ainda mais os resultados.

Para que haja avanço nessa direção, como bem estabelece o Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2001), em sua meta de n. 18, no capítulo do ensino superior, é preciso “Incentivar a generalização da prática da pesquisa como elemento integrante e modernizador dos processos de ensino-aprendizagem em toda a educação superior, inclusive com a participação de alunos no desenvolvimento da pesquisa”.

Enricone e Grillo (2006) e Muls (2003) também defendem a pesquisa na graduação. Muls (2003) enfatiza que o ensino, desde a graduação, tem que deixar de ser exclusivamente transmissão e aquisição de conhecimentos/informações para transformar-se no *locus* por excelência da construção/produção de conhecimento, onde o aluno possa atuar como “sujeito da aprendizagem” e se iniciar na pesquisa. O aluno teria, portanto, desde a graduação, que aprender a olhar a realidade com um olhar atento, colocar as perguntas corretas, saber usar o método e o instrumental científico com o rigor que lhe é próprio, desconstruir o concreto em suas múltiplas facetas e reconstruí-lo em suas múltiplas determinações. É na graduação, segundo a autora, que vai se despertando no aluno a curiosidade, se instilando o gosto pelo fazer científico, oferecendo-lhe o instrumental básico-epistemológico teórico e metodológico-e, sobretudo, o contato com a realidade de sua área de saber, de modo a iniciá-lo na pesquisa e por ela ter paixão.

Para que isso aconteça, a graduação não deve restringir-se à perspectiva de uma profissionalização estrita, especializada. Há que propiciar a aquisição de competências de longo prazo, o domínio de métodos analíticos, de múltiplos códigos de linguagens, enfim, uma qualificação intelectual de natureza suficientemente ampla e abstrata para construir, por sua vez, base sólida para a aquisição contínua e eficiente de conhecimentos específicos. A pesquisa se orienta para as descobertas e o ensino não visa somente a transmissão de um saber já estabelecido, mas também a aprendizagem e a atualização de novos saberes (ENRICONE; GRILLO, 2006).

É sob essa ótica que a pesquisa na graduação ganha relevância. Concebendo a pesquisa como princípio educativo, Pedro Demo entende que o desafio da universidade

não é mais ensino, e muito menos extensão, mas pesquisa. Esta lhe define a alma, as outras funções detêm importância, mas são decorrentes. Da construção de conhecimento segue sua socialização, até mesmo por direito social de todos de partilhar do progresso coletivo. Todavia, uma universidade que se esgota na proposta de ensinar a copiar, é um absurdo, porque vale apenas o que vale uma

cópia. Precisamos também de cópia, mas não podemos nos admitir como cópia (DEMO, 2009, p. 54).

Para Enricone e Grillo (2006), uma forma de inserir a pesquisa na graduação é fazer a integração entre esta e a pós-graduação. Por isso, as autoras procuraram identificar algumas possibilidades de fazer tal integração conforme resumidas a seguir.

A primeira, maior e mais consistente modalidade de integração é a Iniciação Científica (IC). Por meio desta o aluno tem o primeiro contato com a pesquisa científica. Além disso, os bolsistas, como auxiliares, podem ajudar os pós-graduandos com suas pesquisas. Para Cury (2004), esta é um campo que significa um avanço com resultados palpáveis de integração entre pesquisa e ensino. Contudo, as bolsas de iniciação científica e outros similares, se funcionarem de modo isolado e/ou pouco expandido, produzem avanços, mas sem a qualidade de uma integração institucional mais ampla.

Outra forma de integração ocorre quando os docentes vinculados aos programas de pós-graduação ministram disciplinas em curso de graduação (ENRICONE; GRILLO, 2006) especialmente quando o docente pesquisador leva para a sala de aula as suas pesquisas. Conforme expôs Cury (2004), o docente alimenta seu fazer pedagógico com os resultados de pesquisas expressos em publicações. Não é em vão que, buscando a meta de um círculo virtuoso entre graduação e pós-graduação, a LDB dispõe, no artigo 57, que “Nas instituições públicas de educação superior, o professor ficará obrigado ao mínimo de oito horas semanais de aulas” (BRASIL, 1996). Os resultados da pesquisa de Odelius e Sena (2009) demonstram que um dos motivos que levou os graduandos a se envolverem em grupos de pesquisa foi o fato de terem cursado disciplinas ministradas pelos coordenadores do grupo que os fizeram despertar o interesse pela pesquisa. Por outro lado, há coordenadores que afirmam que, para o grupo se manter, é fundamental a presença de alunos de graduação.

A participação de docentes e alunos da graduação nos atos acadêmicos de avaliação de dissertação ou tese também constitui outra modalidade de integração. Nesse caso, uma ampla divulgação de horários, temas e locais seria necessária. Os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) também se configuram como uma modalidade de integração se houver a colaboração de docentes da pós-graduação e especialmente se os TCCs estiverem vinculados às linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação (ENRICONE; GRILLO, 2006).

Para Gomes (2010), a dificuldade de integração entre graduação e pós-graduação é uma questão que se coloca nas diferentes áreas do conhecimento, ainda que haja, em algumas delas, uma maior aproximação entre esses dois níveis de ensino, através da implementação de diretrizes e o desenvolvimento de atividades que favoreçam e estimulem essa integração. Alguns exemplos destas atividades são citados pela autora, entre eles: disciplinas ministradas na graduação que estão relacionadas a atividades de pesquisa desenvolvidas pelo programa de pós e; a articulação entre ensino e pesquisa, através da interação de conteúdos da graduação e pós-graduação por meio de seminários integrados.

Diante do exposto, percebe-se que há um consenso, na literatura pesquisada, sobre a necessidade de integração entre a graduação e a pós-graduação. Nessa direção, os grupos de pesquisa ganham um papel de destaque.

3 O papel dos grupos de pesquisa na integração entre graduação e pós-graduação

No Brasil, os órgãos de fomento ao ensino e à pesquisa têm incentivado a formação de grupos de pesquisa e a realização de parcerias entre instituições para o desenvolvimento de estudos. O CNPq, por exemplo, entre inúmeras atividades, organiza e disponibiliza informações sobre grupos de pesquisa em um diretório acessível a toda a sociedade. O intuito

é facilitar o intercâmbio e a troca de informações na comunidade acadêmica e científica, preservando a memória da atividade científico-tecnológica no país.

O conceito de grupo de pesquisa corresponde a um grupo de pesquisadores, docentes, estudantes e pessoal de apoio técnico, os quais podem organizar-se em torno de linhas de pesquisa. As interações entre os integrantes desses grupos respeitam uma hierarquia na qual são valorizadas a experiência e a competência técnico-científica do(s) líder(es). Esse conjunto de pessoas compartilha recursos, informações e instalações físicas a fim de gerar conhecimento científico por meio de processos colaborativos de pesquisa. O grupo aplica métodos de coleta, análise e interpretação de dados e divulga resultados de pesquisa. Na quase totalidade dos casos, os grupos são compostos pelo docente-pesquisador e por seus estudantes de pós-graduação e/ou graduação (ODELIUS et al., 2011).

Odelius e Sena (2009), procurando compreender os processos de aprendizagem e o desenvolvimento de competências, identificaram os conhecimentos, as habilidades e as atitudes que podem ser proporcionados pela atuação em grupos em pesquisa. Segundo os autores, os processos por meio dos quais a aprendizagem ocorre nos grupos de pesquisa estão fundamentalmente associados às dinâmicas de interação que caracterizam o funcionamento dos grupos (“aprender fazendo”, realização de trabalho em conjunto, reuniões, grupos de estudo, entre outros) e ao acesso de conhecimento acumulado, decorrente da realização de revisões de literatura.

No que diz respeito especificamente aos conhecimentos, os integrantes de grupos de pesquisa entrevistados por Odelius e Sena (2009) relataram o aprendizado de conteúdos específicos ao campo de conhecimento e de pesquisas desenvolvidas pelo grupo. Eles ressaltaram, além de temas específicos, o conhecimento da produção científica da área, o aprendizado de estatística e de procedimentos relacionados ao desenvolvimento de pesquisa e à aplicação de técnicas, métodos ou procedimentos de intervenção específicos da área. Os autores ressaltam que os conhecimentos foram focados tanto sob uma perspectiva teórica como prática. Isto porque, além de apreender o conhecimento acumulado relativo a um tema, os participantes dos grupos aplicam esses conhecimentos no desenvolvimento da pesquisa e na realização de projetos junto a diferentes organizações, o que também permite o desenvolvimento de habilidades específicas e o acesso a conhecimentos relativos ao funcionamento das organizações estudadas.

Ao se referirem às habilidades, os integrantes relataram que o “aprender fazendo” foi propiciado por várias atividades desenvolvidas tais como: planejamento de pesquisa (elaboração de projeto de pesquisa observando critérios científicos); revisão de literatura (identificação de fontes a serem consultadas e discernimento quanto à qualidade dos estudos e à contribuição para a pesquisa); coleta e análise de dados (elaboração, validação e aplicação de instrumentos); utilização de técnicas específicas de coleta e de análise de dados quantitativas e qualitativas; organização de banco de dados; tratamento de dados; uso de programas de processamento de dados e análises estatísticas); comunicação de resultados (elaboração de relatórios de pesquisa e de trabalhos científicos; apresentação de resultados de pesquisa em encontros e seminários; e devolução de resultados aos sujeitos pesquisados) e coordenação de atividades de pesquisa (planejamento, distribuição de atividades, suprimento de recursos, atividades administrativas de organização de reuniões).

Já com relação às atitudes, os integrantes dos grupos destacaram além de aspectos genéricos do relacionamento interpessoal, a socialização na profissão uma parte significativa do que aprenderam com seus pares: como comportar-se e transitar nos mundos acadêmico e do trabalho. Entre os aspectos associados a habilidades interpessoais, estão: assertividade para trabalhar com pessoas com características diferentes, trabalho em equipe, ponderação de aspectos políticos para tomada de decisão, proatividade, desenvolvimento de autonomia para resolver problemas, resolução de conflitos, comunicação e tornar-se consciente de seu papel.

Odelius e Sena (2009) concluíram que o desenvolvimento das ações dos dois grupos pesquisados tem sido possível em decorrência do apoio recebido por parte da universidade e de órgãos de fomento e, principalmente, pela participação de estudantes de graduação e pós-graduação, direcionados ao alcance de um objetivo comum, que é a produção de conhecimento. Os autores notam que vários dos aspectos desenvolvidos com a atuação em grupo de pesquisa são úteis não apenas no ambiente acadêmico, mas também fora dele.

Du (2009), por sua vez, indica que a ação colaborativa em grupos de pesquisa leva à melhoria das práticas, a novas oportunidades para a reflexão, à redução do isolamento de professores e à adoção de múltiplas perspectivas na solução de problemas.

Especificamente com relação à área de administração, Cassell et al. (2009) identificaram habilidades, conhecimentos e práticas necessárias à condução de pesquisa qualitativa em administração e analisaram os processos de aprendizagem envolvidos em sua aquisição. Entre as habilidades (o *know-how* procedimental) necessárias à produção de pesquisa qualitativa de boa qualidade, os autores apontaram: a coleta e a análise de dados eficazes, a redação persuasiva, bem como a análise e a avaliação eficazes.

Quanto aos conhecimentos relativos à produção acadêmica e outros tipos de informações necessárias à compreensão do contexto de pesquisa, Cassell et al. (2009), identificaram: o conhecimento do conjunto de técnicas disponíveis, o domínio das abordagens filosóficas existentes e a compreensão da complexidade inerente à pesquisa qualitativa. As atividades dinâmicas relacionadas à aquisição de competências no processo de pesquisa são definidas pelos autores como atividades de reflexão, de reflexividade e *phronesis*. A reflexão é propiciada pelo uso de estratégias de resolução de problemas visando gerar algum tipo de aprendizagem que possa servir de referência para ações futuras. A reflexividade ocorre pela avaliação crítica das suposições que o pesquisador assume como certas e inquestionáveis, em relação à pesquisa e ao seu próprio papel na pesquisa. Por fim, a *phronesis* é um termo retirado de Aristóteles, referente à “sabedoria prática”, à capacidade de responder de maneira flexível e apropriada às características do contexto.

A revisão de literatura sobre a temática ora trabalhada nos permite concluir que os grupos de pesquisa têm o potencial de propiciar aprendizados relevantes para seus integrantes. Conforme afirmam Enricone e Grillo (2006), é por meio da pesquisa que se estabelecem as relações entre docentes/pesquisadores, alunos, projetos e grupos de pesquisa. Com base nesta afirmação, questiona-se: como os grupos de pesquisa de um departamento de administração têm feito a integração entre a graduação e a pós-graduação?

Antes, porém de tentar responder a tal questionamento, serão descritos os procedimentos metodológicos da pesquisa cujos resultados são apresentados aqui.

4 Procedimentos metodológicos

Para alcançar o objetivo pretendido, optou-se pela pesquisa do tipo qualitativa. A coleta de dados foi feita entre abril e maio de 2013 e o instrumento utilizado foi o roteiro semiestruturado.

As entrevistas foram realizadas de forma individualizada com os líderes de sete grupos de pesquisa vinculados ao departamento de administração e economia de uma universidade pública federal localizada no Estado de Minas Gerais. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

A análise dos dados foi feita seguindo os critérios da análise de conteúdo sob as orientações de Bardin (2009) e Vergara (2006). O tipo de grade escolhido para a categorização foi a grade aberta (VERGARA, 2006). Isto significa que as categorias foram definidas durante o andamento da pesquisa. A unidade de registro adotada foi o tema; quanto

à modalidade de codificação adotou-se o critério de presença funcionando como um indicador e o critério para constituição das categorias foi o semântico (temática).

Para analisar e apresentar os resultados, foram desenvolvidas as seguintes categorias: funcionamento dos grupos, canais de comunicação dos grupos, inserção e atuação dos discentes no grupo, integração entre graduação e pós-graduação.

5 Os grupos de pesquisa e sua integração com a graduação

Esta seção tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa de forma a evidenciar a forma como os sete grupos pesquisados atuam e como eles integram ou buscam integrar a graduação com a pós-graduação.

Funcionamento dos grupos de pesquisa

Do total de sete grupos pesquisados, dois (G2 e G4) promovem atividades voltadas exclusivamente para a pesquisa¹, um (G5) promove além de pesquisa, atividades de consultoria na área de administração pública e quatro (G1, G3, G6, G7) promovem atividades de ensino, pesquisa e extensão. Os líderes destes 4 grupos entendem que os mesmos funcionam também como núcleos de estudo pelo fato de promoverem atividades de ensino conforme fica evidente nos relatos de entrevistas transcritos a seguir.

“ele [grupo] funciona também como um núcleo de estudo, na verdade é um laboratório em que a gente tenta aliar os estudos à pesquisa para melhorar a formação dos integrantes do grupo. Essa é uma atividade interna de formação que nós chamamos de ciclo de estudos. [...] a nossa ideia é aliar ensino, pesquisa e extensão, aliás, a concepção que a gente tem é que não dá pra fazer uma coisa sem fazer a outra” (líder G1).

“o grupo funciona como os dois [grupo de pesquisa e núcleo de estudo]. Os alunos do doutorado coordenam [...] Por exemplo, pegamos um livro clássico e vamos estudá-lo” (líder G3).

“Nós procuramos aprofundar o conhecimento sobre determinados temas [ligados às linhas de pesquisa do grupo] independentemente de haver uma pesquisa naquele momento” (líder G6).

Conforme fica explícito nas falas dos três líderes, são desenvolvidas atividades de ensino. No entanto, elas são restritas aos integrantes dos grupos e, algumas vezes, aos integrantes exclusivos da pós-graduação. Não foi identificada nenhuma atividade de ensino que fosse aberta aos discentes que não integram os grupos de pesquisa.

Canais de comunicação dos grupos

Os canais de comunicação utilizados pelos grupos pesquisados são: *blogs*, *sites*, murais, boca a boca e eventos promovidos pelos grupos.

A líder do G1 relatou que o *blog* foi criado para facilitar a comunicação especialmente com os discentes da graduação. Para ela, “o *blog* é uma linguagem, um tipo de instrumento de fácil acesso que tem o potencial de despertar o interesse dos graduandos” (líder G1). No entanto, a participação dos graduandos não correspondeu às expectativas do grupo. Assim, como alternativa, a comunicação boca a boca tem sido um canal bastante utilizado.

Apesar de os líderes terem informado vários tipos de canais de comunicação que são utilizados pelos grupos, ficou evidente que a principal forma e a mais eficaz é a comunicação realizada durante os eventos que os grupos promovem. Estes eventos são palestras, cursos, seminários, colóquios, *workshops* entre outros. Conforme informaram os líderes entrevistados, é nessa ocasião que os grupos têm a oportunidade de apresentar os resultados das pesquisas que os integrantes realizam e também divulgar o trabalho do grupo. É também na ocasião desses eventos que ocorre a maior interação entre os discentes da graduação, da pós-graduação, dos integrantes de outros grupos e de outros departamentos.

Inserção e atuação dos discentes nos grupos de pesquisa

Conforme informaram os líderes dos grupos de pesquisa entrevistados, todo pós-graduando, seja mestrando ou doutorando, ao inserir no programa de pós-graduação, deve aderir a um dos grupos de pesquisa do departamento já no início do seu curso. No que se refere ao graduando, a inserção ocorre principalmente quando ele é selecionado para algum programa de IC. Nesse caso, ele é inserido no grupo do qual seu orientador participa.

Ser integrante de programas de IC não é pré-requisito para a inserção nos grupos conforme informam os sete líderes entrevistados. Para eles, o principal critério para a entrada de novos membros é o “interesse do candidato” (líder G7), “seu compromisso com a pesquisa” (G7), “a vocação para a pesquisa” (G2). No entanto, todos os graduandos que estavam atuando nos grupos no momento em que esta pesquisa foi feita, eram participantes de algum programa de IC. Portanto, a principal forma de integração entre a graduação e a pós-graduação [representada pelos grupos de pesquisa] no departamento pesquisado é a IC. Esse resultado corrobora a afirmação feita por Cury (2004) e Enricone e Grillo (2006) de que essa é a maior e mais consistente modalidade de integração.

Quando questionados sobre o interesse dos graduandos em participar dos grupos, os líderes entrevistados informam que esse interesse existe, inclusive, há grupos que tem “um cadastro de reserva” (G6) pelo fato de não ter capacidade de absorver todos os graduandos interessados, ou seja, à medida que sai um graduando, alguém que está no cadastro de reserva, é convidado a integrar o grupo.

Com relação à atuação dos discentes, fica evidente na fala dos líderes entrevistados que, embora haja integração entre os pós-graduandos e os graduandos, há uma diferença entre as atividades que eles desenvolvem dentro dos grupos conforme explicita os relatos abaixo. Parece haver um entendimento de que os alunos da graduação têm o potencial de contribuir especialmente com a coleta de dados, mas teria limitações quando se trata da participação em debates teóricos, por exemplo.

“Evidentemente, em determinados aspectos como quando vamos fazer evento científico de aprofundamento teórico tem mais [em relação aos discentes da graduação] envolvimento de professores, doutorandos e mestrandos (líder G6).

“a graduação [graduandos] atua muito mais do que a pós [pós-graduandos] porque a pós vai à empresa com interesse de coletar dados, a graduação não. Ela vai com interesse de ajudar no trabalho. [...] eu percebo que quando é pra atuar [sentido de executar algum trabalho] tem que ser graduação” (líder G3).

Alguns líderes entendem que outra atividade que não tem sido feita com frequência e que os graduandos poderiam desenvolver dentro dos grupos seria o auxílio técnico. Inclusive, conforme relataram as líderes do G1 e do G3, a experiência com dois graduandos atuando na área técnica foi muito positiva: um administra o *blog* do grupo 1 e o outro o site do grupo 3.

Ao executar atividades ligadas aos *blogs* e aos *sites* dos grupos, o graduando, além de auxiliar no trabalho do grupo, interage com todos os outros integrantes.

Os grupos de pesquisa [pós-graduação] e sua integração com a graduação

Os grupos de pesquisa proporcionam a integração entre os graduandos, os pós-graduandos e os docentes. Essa interação foi avaliada como positiva por todos os líderes entrevistados. Eles relatam que os discentes apresentam grande disposição para trabalhar e abertura para novos aprendizados. Conforme seus relatos, os graduandos tendem a valorizar a participação nos grupos até mais do que os pós-graduandos. Isso ocorreria porque, para o graduando, essa é a única oportunidade que ele tem de se aproximar da pesquisa. Já os pós-graduandos estão envolvidos também com suas pesquisas de dissertações e teses e não apenas com os trabalhos do grupo.

Para alguns docentes líderes de grupo, a interação com os discentes foi vista como uma oportunidade de distanciar do isolamento e saber o que acontece tanto na graduação quanto na pós-graduação. Além do mais, alguns líderes acreditam que a redução do isolamento não está ligada apenas ao aspecto de interação com outras pessoas, mas também a redução do isolamento das áreas de conhecimento. Portanto, a participação nos grupos é vista como uma forma de ampliar a visão sobre os fenômenos organizacionais por meio da interdisciplinaridade.

“embora a maior parte dos nossos integrantes seja da administração, a gente tem pessoas com formação muito diferenciada, tem gente do direito, da economia, da antropologia, da administração pública [...] a gente quer aproveitar essa formação diversificada dos integrantes para compreender fenômenos contemporâneos por um viés diferenciado” (líder G1).

“temos graduandos de outros cursos também como da área de alimentos, zootecnia, administração pública. Isso é importante pelo fato do grupo desenvolver estudos na área de comportamento do consumidor, principalmente na área de alimentos, saúde e bem estar” (líder G2).

Conforme explicou Du (2009), a ação colaborativa em grupos de pesquisa leva, entre outras coisas, à redução do isolamento de professores e a novas oportunidades para a reflexão. Estes aspectos são valorizados pelos grupos pesquisados conforme aparece nos relatos anteriores. Percebe-se, portanto, que a integração entre graduação e pós-graduação não é benéfica apenas para os discentes como comumente se concebe, mas também para os docentes pelo fato de eles interagirem com pesquisadores de outras áreas.

Embora os líderes afirmem que as atividades desenvolvidas pelos graduandos estão relacionadas às atividades de pesquisa do grupo, nem sempre ficou claro de que forma a pesquisa realizada pelo bolsista de IC está relacionada com a pesquisa que os pós-graduandos e/ou os docentes estão realizando. Quando são citados exemplos, as atividades que ficam mais evidentes é o apoio dos graduandos aos pós-graduandos especialmente na transcrição de entrevistas realizadas em função de teses e dissertações e o apoio aos docentes na organização de eventos dos grupos. Há que alertar, no entanto, que os programas de IC, se funcionarem de modo isolado e/ou pouco expandido, produzem avanços, mas sem a qualidade de uma integração institucional mais ampla conforme explica Cury (2004).

Os líderes dos grupos afirmam que há integração entre a graduação e a pós-graduação, mas eles admitem que essa interação ainda é muito incipiente. Por outro lado, eles entendem

que ela é benéfica para ambas as partes. Alguns grupos como o G3, o G4 e o G6, têm tomado iniciativas no sentido de promover a integração conforme relatos abaixo.

“a gente aproveita a visita do professor [membro externo] que vem participar de banca de defesa de mestrado ou doutorado e ele dá uma palestra. Nesse caso a gente abre para todo mundo [graduação e pós]” (líder G3).

“temos incentivado a participação dos graduandos nas bancas de defesa de mestrado e doutorado” (líder G4).

“os pós-graduandos do grupo tomaram a iniciativa de fazerem uma prévia de suas defesas. É o que nós chamamos de ‘fogo amigo’. Nessa ocasião, participam todos os integrantes do grupo, inclusive os graduandos” (líder G6).

Outra iniciativa que considera-se importante destacar é a iniciativa da líder do G3: ofertar uma disciplina eletiva para os graduandos em parceria com a pós-graduação. Para esta docente, os graduandos dos últimos períodos da graduação são mais maduros e seria interessante uma disciplina que integrasse esses alunos com os mestrandos especialmente aqueles que não têm formação em administração. Conforme seu relato “seria um encontro bom da graduação com a pós fazendo essa disciplina conjunta” (líder G3).

A pesquisa do docente que atua na pós-graduação também foi considerada uma iniciativa de integração. Conforme relata a líder do G3 “qualquer forma de pesquisa desenvolvida na pós nos dá subsídio para atuar na graduação, para a gente dar exemplos reais”. Nessa direção, conforme apontaram Odelius e Sena (2009), os graduandos podem vir a se envolverem em grupos de pesquisa pelo fato de cursarem disciplinas ministradas pelos coordenadores do grupo que tem o potencial de despertar o interesse dos graduandos pela pesquisa.

Os líderes dos grupos G1, G2 e G3, apontaram como um empecilho para o desenvolvimento de atividades de integração a falta de disponibilidade de tempo dos docentes. Conforme relata a líder do G3, “a maior limitante do grupo sou eu mesma. Eu estou envolvida em muitas atividades”. O relato a seguir também é ilustrativo nesse sentido.

“nós somos consumidos por um conjunto grande de atividades administrativas, uma quantidade enorme de outras atividades de graduação e pós-graduação. É difícil a gente conciliar tempo prá realizar todas as atividades que o grupo demanda. Nós [docentes integrantes do grupo] não queremos deixar o grupo ser tocado somente por estudantes, a gente quer estar presente em todas as atividades, isso é fundamental prá nós desde o começo” (líder G1).

Portanto, mesmo percebendo que há uma demanda por outras atividades que o grupo poderia desenvolver, o fator que limita a expansão das atividades dos grupos é a falta de tempo dos docentes. Tendo em vista que o número elevado de atividades desenvolvidas toma muito do tempo deles, “o grupo acaba ficando em segundo plano” (líder G2). Sendo assim, falta tempo para organizar principalmente as atividades de ensino que são demandadas especialmente pelos graduandos. Há que considerar, contudo, que a pesquisa, componente específico da pós-graduação, e o ensino, componente específico da graduação, devem caminhar juntos e articulados com o fim de permitir a mútua criatividade conforme alerta Cury (2004).

Apesar da limitação de tempo dos docentes, os líderes dos grupos informam que, nos últimos anos, houve um esforço no sentido de “fazer os grupos funcionarem” e não apenas ser

um grupo formal registrado no diretório do CNPq. Os líderes entrevistados atribuem o mérito de melhor funcionamento dos grupos aos pós-graduandos que têm se envolvido bastante com as atividades e têm organizados eventos importantes. Inclusive, esses eventos, se constituíram em uma oportunidade extremamente importante e necessária para fazer a integração entre os discentes da graduação e os da pós-graduação conforme informaram os líderes dos grupos.

Embora fique claro que a maior parte dos discentes integrantes dos grupos é da pós-graduação, fica claro na fala de todos os líderes que há uma demanda muito grande por participação dos discentes da graduação. Demanda essa que os grupos existentes não conseguem atender. Eis um exemplo: “eu [líder do G5] abri no ano passado um edital, foram 75 candidatos para 5 vagas”.

Isso tem levado alguns líderes a cogitar a possibilidade de criar núcleos de estudos mais abertos [no sentido de terem participantes externos ao grupo] como uma alternativa para atender parcialmente a essa demanda. Evidentemente, “que não atende aos interesses pela pesquisa, mas ajuda os graduandos a se aproximarem de algumas temáticas” (líder G2).

6 Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo compreender como os grupos de pesquisa de um departamento de administração têm feito a integração entre a graduação e a pós-graduação. Os resultados permitiram perceber que, se por um lado, a integração esteja acontecendo de maneira ainda incipiente, por outro, algumas iniciativas de integração que estão surgindo vão ao encontro do que Enricone e Grillo (2006) apontaram como possibilidades de fazer tal integração. Entre essas atividades podem ser destacadas a realização de palestras de membros externos nas bancas sendo estas abertas ao público da graduação, o apoio dos discentes de IC aos pós-graduandos, a atuação de docentes pesquisadores em aulas de graduação e a participação dos graduandos nas bancas de defesa de dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Um aspecto que merece bastante atenção, devido à discussão que se propõe no âmbito deste trabalho, é o fato de que parece haver uma diferenciação, talvez um preconceito velado, quando se considera a capacidade intelectual dos discentes da graduação. Fica evidente, em vários momentos da pesquisa, que algumas atividades são somente para os pós-graduandos enquanto, em outras, se aceita a participação dos graduandos. Contudo, entende-se que, se os grupos almejam auxiliar na indissociabilidade entre ensino e pesquisa, é preciso que este aspecto seja tratado com mais cuidado. Entende-se que a integração entre graduação e pós-graduação perpassa pela superação destas diferenças. É como alertou Cury (2004), se as bolsas de iniciação científica e outros similares funcionarem de modo isolado e/ou pouco expandido, produzirão avanços, mas sem a qualidade de uma integração institucional mais ampla.

Embora este trabalho seja limitado pelo fato de ter abrangido apenas um departamento de uma única universidade, seus resultados podem conduzir a uma reflexão que ultrapassa a temática da relação entre graduação e pós-graduação.

Entende-se que o que está em jogo no atual contexto é o papel do ensino superior. Será que este consiste em apenas formar o graduando para a atuação profissional no mercado de trabalho ou será que é também papel do ensino superior proporcionar uma formação mais ampla que abranja as dimensões econômica, social, política, ética e cultural? Conforme destacaram Enricone e Grillo (2006), a graduação não deve restringir-se à perspectiva de uma profissionalização especializada e o ensino não visa somente à transmissão de um saber já estabelecido. Nessa direção, Demo (2009) aponta a pesquisa como uma alternativa viável.

Ao reconhecer isso, pode-se defender a pesquisa como uma forma de ampliação da formação do graduando tendo em vista que ela se orienta para as descobertas, para novas

aprendizagens para a atualização de novos saberes (ENRICONE; GRILLO, 2006). Sendo assim, a prática da pesquisa se constitui como elemento integrante e modernizador dos processos de ensino-aprendizagem em toda a educação superior conforme consta no PNE. Portanto, embora a graduação, historicamente, tenha o ensino como seu componente predominante conforme explica Cury (2004), a pesquisa não é propriedade privada da pós-graduação. Além disso, as competências, habilidades e atitudes que os discentes podem desenvolver com a atuação em grupos de pesquisa são úteis não apenas no ambiente acadêmico, mas também fora dele conforme identificaram Odelius e Sena (2009).

Como limitação deste trabalho, além do fato de se ter pesquisado apenas um departamento de uma única universidade, pode-se apontar a ausência de dados coletados junto aos discentes integrantes dos grupos. E é nessa direção que se aponta as sugestões para pesquisas futuras. Acredita-se que é importante ouvir os discentes da graduação, da pós-graduação e os demais docentes que integram os grupos de pesquisa. Fazer isso possibilitaria uma melhor compreensão sobre as categorias aqui apresentadas e discutidas. Essa melhor compreensão poderia, ainda, orientar a formulação de uma proposta de atividades que poderiam ser desenvolvidas por grupos de pesquisa no sentido de melhorar a integração entre a graduação e a pós-graduação.

Nessa direção, os apontamentos feitos por Muls (2003, p. 8) são relevantes para se pensar uma política de pesquisa que tenha uma articulação estreita com a graduação:

- assegurar disciplinas que desenvolvam nos alunos a capacidade investigativa: métodos de trabalho científico, filosofia/epistemologia da ciência, métodos e técnicas de pesquisa, seminários de pesquisa;
- assegurar disciplinas que possibilitem o conhecimento da formação, caminhos e descaminhos, configuração atual e perspectivas da sociedade brasileira;
- contribuir para a implementação de um novo perfil de professor, que saiba desenvolver e atuar como alta “competência formadora”, a ser construída e/ou consolidada através da pesquisa e da ação coletiva em torno do projeto pedagógico, também construído coletivamente e, portanto, necessariamente participativo;
- e, insistindo na criação de uma cultura da pesquisa, ampliar o espaço da sala de aula, levando o aluno seja através da extensão, seja através do contato com a realidade sócio-econômica onde está inserido (excursões, visitas, conferências, palestras etc. e, sobretudo, pesquisa);
- ampliar o programa de iniciação científica, envolvendo maior número de professores na tarefa de levar a pesquisa para a sala de aula e fazer os alunos se exercitarem na investigação científica, através de projetos que não precisam ser ambiciosos e sofisticados, mas podem ser simples, pouco onerosos mas voltados para a realidade imediata que os cerca e, certamente, frutíferos.

7 Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2009. 281 p.

BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996, p. 27833-41. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em 27 jan. 2012.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Plano Nacional de Educação**. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <http://www.camara.gov.br>. Acesso em: 27 jan. 2012.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Graduação/pós-graduação: a busca de uma relação virtuosa. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 88, p. 777-793, Especial - Out. 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

DANTAS, Flávio. O PET e a formação de lideranças acadêmicas e profissionais. **Infocapes**, 1995, v. 3, p. 18-20. (Serviços/Publicações/Infocapes). Disponível em <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

DANTAS, Flávio. Responsabilidade social e pós-graduação no Brasil: idéias para (avali)ação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 1, n. 2, p. 160-172, nov. 2004.

DEMO, Pedro. Qualidade e pesquisa na universidade. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração**, v. 1, n. 1, p. 52-64, Maio/2009.

DU, F. Building action research teams: a case of struggles and successes. **Journal of Cases in Educational Leadership**, v. 12, n.2, p.8-18, 2009.

ENRICONE, Délcia; GRILLO, Marlene Corroero. Integração entre Graduação e Pós-Graduação. **UNirevista**, v. 1, n. 2, abr. 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNirev_Enricone_e_Grillo.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2012.

GOMES, Newton Souza; VILELA, Suely. Pós-graduação, para que? Disponível em: <http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/POS-GRADUACAO_1318_1098195663.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2013.

GOMES, Maria Yêda Falcão Soares de Filgueiras. Desafios e perspectivas para a integração graduação/pós-graduação em Ciência da Informação: o caso do ICI/UFBA. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.1, p.51-66, jan./abr. 2010.

MULS, Nair Costa. A crise da universidade brasileira. In: Reflexões do Fórum de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação, Goiânia, 2003. Disponível em <<http://nbcgib.uesc.br/foprop/wp-content/uploads/2010/05/A-crise-da-universidade-brasileira-Nair-C.-Muls.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2013.

ODELIUS, Catarina Cecília; SENA, André de Castro. Atuação em grupos de pesquisa: competências e processos de aprendizagem. **FACES - Revista de Administração**, Belo Horizonte, v. 8, n. 4, p. 13-31, out./dez. 2009.

ODELIUS et al. Processos de aprendizagem, competências aprendidas, funcionamento, compartilhamento e armazenagem de conhecimentos em grupos de pesquisa. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 1, artigo 11, Rio de Janeiro, Mar. 2011.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ⁱ Não se pretende, neste trabalho, discutir ou definir qual é o papel de um grupo de pesquisa. Apenas procurou-se ser fiel às falas dos líderes dos grupos pesquisados quando eles se referem às atividades que os grupos desenvolvem.